

AS HISTÓRIAS DE MARIA

MENINAS E MENINOS
N' AS HISTÓRIAS DE MARIA!
PROBLEMATIZANDO O GÊNERO
NO ESPAÇO ESCOLAR

Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro*

Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães**

Profa. Drn. Juliana Lapa Rizza***

Resumo

Leitor/a, nesse texto gostaríamos de convidá-lo/a a conhecer as histórias contadas por Maria! Nessas histórias estão entrelaçadas as questões de diversidade de gênero, sexual e religiosa. Vamos conhecer o que Maria tem a nos contar?

Olá, eu me chamo Maria. Sei que tem muitas Marias pelo Brasil, mas minha mãe contou que meu nome tem uma história. Nasci no dia 02 de fevereiro, quando comemoramos o dia de Nossa Senhora dos Navegantes, minha mãe muito devota dessa Santa colocou meu nome de Maria em homenagem a ela.

Um dia na escola, para conhecer as histórias dos nossos nomes, o professor realizou com a minha turma uma atividade chamada "Muitos nomes, muitas histórias", foi quando eu descobri a história do meu nome. Ele pediu que nós fizéssemos uma entrevista que poderia ser

*Coordenadora do GESE. Professora do Instituto de Educação (FURG). Doutora em Ciências Biológicas.

**Professora do Instituto de Educação (FURG) e doutora em Educação em Ciências.

***Doutoranda do PPG Educação Ambiental (FURG)

com os pais, cuidadores/as, avós/avôs ou tios/tias. Os/as meus/minhas colegas contaram que seus nomes eram de jogadores de futebol, de artistas de novela, de seus pais ou avós/avôs; nesse caso, tinham no seu nome a palavra Júnior, Neto, Filho. Uma colega falou que se chamava Lúcia Filha, pois tinha o mesmo nome de sua mãe.

Conversamos um pouco sobre os nomes de meninos e meninas com o professor e na hora do recreio aconteceu uma coisa que me fez pensar nesse bate-papo que tivemos na sala de aula. Eu pedi para os colegas da minha turma para entrar no time de futebol, pois gosto desse jogo, mas os meninos disseram que futebol não é coisa de menina. Então, fiquei pensando: Por que será que existem coisas que são de meninas e outras de meninos? Quem foi que disse o que menina pode ou não fazer, brincar, vestir, sentir, entre outras coisas?

Chegando em casa, perguntei para a minha avó, para o meu pai, para a minha tia se, quando eles/as eram crianças, já existiam diferenças entre os meninos e as meninas. Minha avó, por exemplo, aprendeu que as meninas têm os gestos delicados, são carinhosas e tímidas, que devem saber se portar, sentar-se direitinho, serem graciosas, cuidarem de crianças e da casa. Vovó disse que as meninas que têm esses predicados são educadas; já os meninos devem ser fortes, serem os chefes da casa e não podem ser tímidos, afetuosos e delicados e, principalmente, não podem chorar, porque isso é coisa de "mulherzinha"¹.

Minha tia falou que hoje as questões de gênero estão mudando na sociedade e podemos perceber essas mudanças em algumas atividades como, por exemplo: mulheres dirigindo ônibus e construindo casas; homens que pintam as unhas e os cabelos, além de muitas outras atividades que eram ditas como só do homem ou só da mulher.

É Lei:

A Declaração dos Direitos Humanos em seu Art. 5º estabelece que "homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição". Sendo assim, nenhum cidadão e cidadã pode ser prejudicado/a por motivo de preconceito e discriminação.

Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006, "cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de violência doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências"

¹Professor/a ao usar a expressão "mulherzinha" buscamos problematizar o quanto essa expressão é utilizada socialmente como algo pejorativo, pois inferioriza as mulheres e, ao mesmo tempo, visa ofender os homens que não se ajustam aos padrões de gênero masculino.

Meu professor também discutiu com a minha turma essas coisas que meninos e meninas fazem. Nós fizemos uma atividade chamada "Quem pode fazer: o homem ou a mulher?". Durante a atividade, quando os meninos estavam fazendo a mímica de pintar as unhas, continuei pensando no que a minha avó tinha falado, que os homens que fazem essas coisas são "mulherzinha". Será que o homem que faz a unha deixa de ser homem? E a mulher que não gosta de fazer as unhas deixa de ser mulher? Essas coisas são exemplos que fazem com que as pessoas sejam chamadas de gays e lésbicas, como um deboche? Perguntei ao professor.

O que é:

Gay é o termo usado para nomear os homens que gostam e se relacionam com outros homens.

Lésbica é o termo usado para nomear as mulheres que gostam e se relacionam com outras mulheres.

Ele respondeu que não existe um único jeito de ser homem ou de ser mulher e que as pessoas confundem as identidades de gênero com as identidades sexuais, ou seja, o que é ser homem e ser mulher com a forma das pessoas se relacionarem entre si, por exemplo, se uma menina gosta de coisas ditas de menino como jogar futebol e/ou usar cabelo curto, não quer dizer que ela goste ou namore uma menina.

Eu conheço uma história de um menino, o Leonardo, que mora na minha rua. A turma lá da rua fazia piadinhas com o Léo, só porque ele tinha cabelo comprido. Depois de um tempo, descobri que ele gostava de ter o cabelo comprido e, além disso, a mãe dele fez uma promessa para a Nossa Senhora dos Navegantes, de que iria levá-lo à procissão vestido de anjo e que até completar sete anos de idade, não cortaria seu cabelo. Minha mãe me falou que essa atitude de piadas e deboches contra o Léo pode ser considerada bullying².

Aqui, na minha cidade, no dia em que celebramos a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, santa que a mãe do Léo é devota, também comemoramos a Festa de Iemanjá. Eu sempre participo da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, mas nesse ano, a minha família

²Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva a uma pessoa. O termo bullying tem origem na palavra inglesa bully, que significa valentão, brigão. Na sociedade, podemos perceber que existem vários tipos de bullying; ele pode ser relacionado à aparência física, religião, moradia, identidade sexual e de gênero, nacionalidade, etnia, entre outros. No caso do Leonardo, podemos falar em bullying de gênero ou homofóbico, já que as características do menino não correspondem aos atributos ditos como masculinos.

me levou na Festa de Iemanjá para levar flores e agradecer pela saúde da minha tia, que é umbandista. Minha família me incentiva a conhecer diferentes religiões e, assim, escolher a minha.

Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Iemanjá

A devoção à Nossa Senhora dos Navegantes originou-se na Idade Média por ocasião das Cruzadas, quando os cristãos invocavam a proteção de Maria Santíssima. Os homens que faziam a travessia pelo Mar Mediterrâneo em direção à Palestina, rogavam proteção à "Estrela do Mar". Tal tradição foi mantida entre os marítimos e foi difundida pelos navegadores portugueses e espanhóis, disseminando-se entre os pescadores litorâneos, principalmente nas terras colonizadas pela Espanha e Portugal. As consequências foram a multiplicação de capelas, igrejas e santuários nas regiões pesqueiras, particularmente no Sul do Brasil. Ela é a padroeira não só dos navegantes, mas também de todos os viajantes.

Existe um sincretismo entre a santa católica Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá da Mitologia Africana Iemanjá. Em alguns momentos, inclusive as festas em homenagem às duas, fundem-se. No Brasil, tanto Nossa Senhora dos Navegantes como Iemanjá, têm sua data festiva no dia 2 de fevereiro. Costuma-se festejar o dia com uma grande procissão fluvial e terrestre. Iemanjá também é cultuada em diversas praias brasileiras, onde lhe são ofertadas velas e flores que são lançadas ao mar.

Bom, pessoal, lembrar de todas essas histórias foi uma forma de contar como as questões de gênero, sexuais, culturais, religiosas e de direitos humanos estão presentes em nossa sociedade. Se queremos uma sociedade mais justa e igualitária, nós, crianças e adolescentes, devemos fazer com que os nossos direitos sejam respeitados e, para isso, é importante que vocês conheçam e discutam o Estatuto da Criança e do Adolescente em suas escolas e também com seus familiares. Essa foi a primeira história que conto para vocês. Espero que possamos estar juntos/as em outras tantas histórias que tenho para contar!